

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

A PESQUISA BRASILEIRA SOBRE BULLYING NAS ESCOLAS ENTRE 2020 E 2023: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Cíntia Santana e Silva, Júlia Rodrigues Gontijo, Valéria Cristina de Oliveira

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13557>

Submetido em: 2025-09-29

Postado em: 2025-10-06 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

A PESQUISA BRASILEIRA SOBRE *BULLYING* NAS ESCOLAS ENTRE 2020 E 2023: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

CÍNTIA SANTANA E SILVA¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4072-6733>

cintiasantana.cs@gmail.com

JÚLIA RODRIGUES GONTIJO²

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7179-3000>

juliargontijo22@gmail.com

VALÉRIA CRISTINA DE OLIVEIRA³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2158-3191>

valcrisoli@gmail.com

RESUMO: Com o crescimento dos casos de ataques violentos a escolas no Brasil (Vinha *et al.*, 2023) o tema da prevenção a violências nesses espaços tem se tornado cada vez mais objeto de intervenção do estado brasileiro. O *bullying* é um desses eventos e foi criminalizado na esteira da comoção popular causada pelos ataques (Brasil, 2024). Essa mudança demanda especial atenção em termos de delimitação do conceito e do mapeamento das possíveis causas e consequências da prática e da vitimização por *bullying*. Diante disso, esta revisão sistemática de literatura tem o objetivo de fornecer um panorama das pesquisas recentes sobre o tema publicadas no país. O trabalho dá sequência às revisões de Coelho (2016) e Albuquerque e Maciel (2022), os quais produziram revisões sistemáticas sobre o *bullying* escolar de 2009-2014 e 2015-2019, respectivamente. Os achados apontam que a pesquisa sobre *bullying* no Brasil foca em descrever o fenômeno e identificar fatores associados a ele, mais que propor ou avaliar estratégias de intervenção. A produção acadêmica sobre os efeitos de intervenções anti*bullying* está em expansão, mas carece de maior rigor metodológico. Em suma, embora haja um grande interesse acadêmico em torno da temática do *bullying*, a operacionalização do conceito precisa ser feita de forma mais criteriosa e teoricamente embasada.

Palavras-chave: *bullying*, intimidação sistemática, violência nas escolas, violência escolar, ensino básico.

BRAZILIAN RESEARCH ON *BULLYING* IN SCHOOLS BETWEEN 2020 AND 2023: A SYSTEMATIC REVIEW

ABSTRACT: With the increase in cases of violent attacks on schools in Brazil (Vinha *et al.*, 2023), the issue of violence prevention in these settings has increasingly become a matter of state intervention. *Bullying* is one such phenomenon and was criminalized in the wake of the public outcry caused by these attacks (Brazil, 2024). This change requires special attention regarding the definition of the concept and the mapping of the possible causes and consequences of both *bullying*

¹ Fundação João Pinheiro. Belo Horizonte, Minas Gerais (MG), Brasil.

² Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais (MG), Brasil.

³ Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais (MG), Brasil.

practices and *bullying* victimization. In this context, this systematic literature review aims to provide an overview of recent research on the topic published in the country. The study follows the reviews by Coelho (2016) and Albuquerque and Maciel (2022), who conducted systematic reviews on school *bullying* covering the periods 2009–2014 and 2015–2019, respectively. The findings indicate that research on *bullying* in Brazil has focused more on describing the phenomenon and identifying associated factors than on proposing or evaluating intervention strategies. Academic production on the effects of anti-*bullying* interventions is expanding, but it still lacks greater methodological rigor. In sum, although there is significant academic interest in the topic of *bullying*, the operationalization of the concept needs to be carried out more carefully and with stronger theoretical grounding.

Keywords: *bullying*, systematic intimidation, violence in schools, school violence, basic education.

INVESTIGACIÓN BRASILEÑA SOBRE EL ACOSO ESCOLAR ENTRE 2020 Y 2023: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA

RESUMEN: Con el aumento de los casos de ataques violentos a escuelas en Brasil (Vinha *et al.*, 2023), el tema de la prevención de la violencia en estos espacios se ha convertido cada vez más en objeto de intervención del Estado brasileño. El *bullying* es uno de estos fenómenos y fue criminalizado a raíz de la conmoción popular causada por los ataques (Brasil, 2024). Este cambio exige especial atención en cuanto a la delimitación del concepto y al mapeo de las posibles causas y consecuencias tanto de la práctica como de la victimización por *bullying*. En este contexto, esta revisión sistemática de la literatura tiene como objetivo ofrecer un panorama de las investigaciones recientes sobre el tema publicadas en el país. El trabajo da continuidad a las revisiones de Coelho (2016) y de Albuquerque y Maciel (2022), quienes produjeron revisiones sistemáticas sobre el *bullying* escolar en los períodos 2009-2014 y 2015-2019, respectivamente. Los hallazgos señalan que la investigación sobre *bullying* en Brasil se centra más en describir el fenómeno e identificar factores asociados a él que en proponer o evaluar estrategias de intervención. La producción académica sobre los efectos de las intervenciones anti*bullying* está en expansión, pero aún carece de mayor rigor metodológico. En suma, aunque existe un gran interés académico en torno a la temática del *bullying*, la operacionalización del concepto necesita realizarse de manera más cuidadosa y con un mayor sustento teórico.

Palabras clave: *bullying*, intimidación sistemática, violencia en las escuelas, violencia escolar, educación básica.

INTRODUÇÃO

O *bullying* escolar, cada vez mais, surge como tema de grande relevância acadêmica e social, devido às consequências imediatas e de longo prazo na vida dos estudantes e no dia a dia das instituições de ensino (Ma, Stewin e Mah, 2001). Esse fenômeno ganha relevância, portanto, como objeto de estudos e também de intervenções, que serão mais efetivas na medida em que sejam baseadas em evidências produzidas com qualidade. Nesse sentido, é fundamental que haja balanços sistemáticos frequentes das publicações científicas, caracterizando o campo e apontando os resultados baseados em pesquisa empírica válida e confiável.

A revisão sistemática apresentada aqui tem o objetivo de fornecer um panorama completo das pesquisas publicadas no Brasil sobre *bullying* escolar entre os anos de 2020 e 2023. Embora o período analisado seja relativamente curto, trata-se de um marco temporal com grandes mudanças. A primeira delas é a pandemia de COVID-19, que culminou na interrupção das aulas presenciais e, assim, em prejuízos ao aprendizado (Bof; Moraes, 2022), bem como à socialização dos estudantes e à saúde mental de todos, inclusive de docentes e equipe pedagógica (Vazquez *et al.*, 2022; Martins *et al.*, 2021).

No mesmo período, em função das atividades de ensino ministradas em formato remoto, também avançou o contato de crianças e adolescentes com tecnologias. O processo não teve início na pandemia, mas se acelerou inclusive como uma resposta à necessidade de manter o processo de ensino-aprendizagem. Além das dificuldades de foco e concentração (Biolchi *et al.*, 2023), que não serão objetos deste estudo, agressões antes restritas à escola passaram a ser cada vez mais realizadas - e disseminadas - por meio de redes sociais e aplicativos de troca de mensagens (Bozza; Vinha, 2023). O chamado *cyberbullying* se popularizou no país, sendo desde 2024, como o *bullying*, delito que integra o nosso Código Penal (Brasil, 2024).

Também como parte do contexto que marca o período de publicação dos textos revisados, foi justamente entre os anos de 2020 e 2023 que foram registrados 22 ataques violentos a escolas, a maior parte dos casos noticiados na história do país (Vinha *et al.*, 2023). Como no exterior, o *bullying* é apontado como uma das causas desse comportamento entre adolescentes e jovens, o que, portanto, justifica ainda mais a proposta de revisar as publicações do período.

Neste sentido, buscamos avançar os trabalhos realizados anteriormente por Coelho (2016) e Albuquerque e Maciel (2022), os quais produziram revisões sistemáticas sobre o *bullying* escolar no Brasil de 2009-2014 e 2015-2019, respectivamente.

METODOLOGIA

A escolha das bases de dados a serem consultadas é um passo importante na identificação de artigos relevantes que nos ajudam a estabelecer um diálogo dentro do campo de estudos e entender as características avaliadas nas pesquisas brasileiras sobre *bullying*. As bases consultadas foram: Periódicos Capes, Pepsic e Lilac. As duas últimas são voltadas para as áreas da psicologia e ciências da saúde, que concentram a maioria das investigações sobre *bullying* no Brasil e que haviam sido consultadas nas revisões anteriores sobre o tema. Entendemos que um fenômeno pode ser analisado sob diferentes pontos de vista, a depender da área de estudo, e evidenciamos esse recorte aqui. Os trabalhos de coleta de artigos em bases de periódicos acadêmicos foram realizados entre os dias dois e oito de janeiro de 2024.

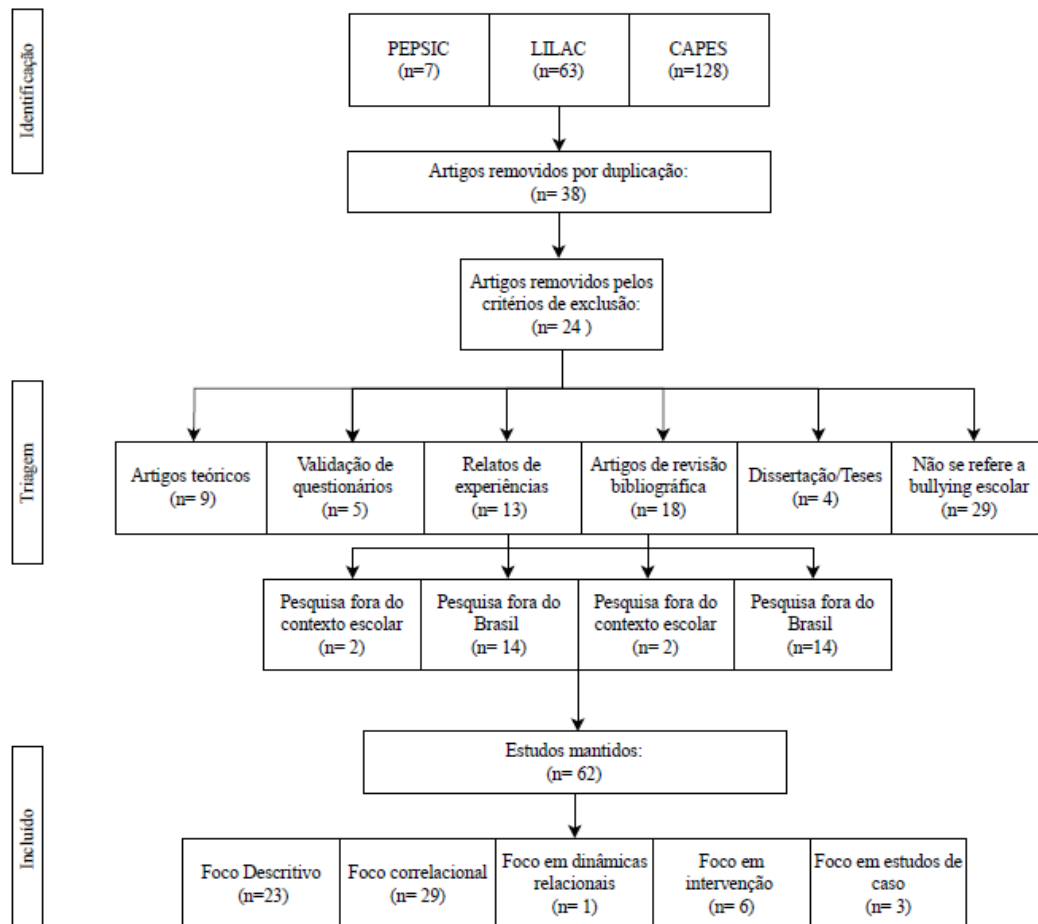
Os descritores utilizados nas buscas foram “*bullying*” e “escola”. Os filtros de pesquisa aplicados, de acordo com a disponibilidade de cada plataforma, foram: artigos, periódicos revisados por pares, língua portuguesa e anos 2020-2023. Os quantitativos obtidos a partir de cada base foram: 128 artigos na Periódicos Capes, 7 na Pepsic e 63 na Lilacs, totalizando 198 artigos. Todos eles foram baixados e tiveram suas informações de referência, fonte, ano de publicação e questões/objetivos de pesquisa coletados em uma planilha Excel. Todos os títulos e resumos foram lidos e analisados segundo os critérios de exclusão, para a tomada de decisão sobre a inclusão ou não nesta revisão sistemática.

Os critérios de exclusão foram: artigos de revisão bibliográfica, artigos teóricos, validação de questionários, relatos de experiências, teses, dissertações, capítulos de livros, editorial de revista ou de livro, pesquisa fora do contexto escolar, artigos fora do período especificado no estudo, pesquisa fora do Brasil, e pesquisa que não se refere ao *bullying* escolar. No total, 136 artigos foram enquadrados em um ou mais critérios de exclusão e por isso foram eliminados da revisão. Os 62 artigos mantidos foram lidos na íntegra e tiveram as seguintes informações registradas em planilha Excel: foco de análise, conceito de *bullying* utilizado, desenho do artigo, unidade de análise, quantitativo e idade dos participantes, referência territorial, período de referência, estratégia de

coleta dos dados, estratégia de análise dos dados, variáveis dependentes, variáveis explicativas, resultados e teorias que sustentam a interpretação dos resultados.

A categorização dos artigos segundo o foco de análise baseou-se nas revisões realizadas anteriormente sobre o mesmo tema, a saber, Coelho (2016) e Albuquerque e Maciel (2022). Assim como nas revisões anteriores, foram organizadas cinco categorias, as quais são: (1) estudos com foco descritivo, que buscam investigar a incidência e a tipificação do fenômeno; (2) estudos sobre fatores correlacionados, que articulam o *bullying* com outros fatores; (3) estudos sobre a dinâmica relacional do *bullying*, que analisam as relações interpessoais entre os pares; (4) estudos com foco em intervenção, que avaliam os efeitos de programas de intervenção e das atitudes dos atores escolares no enfrentamento ao *bullying*; e (5) estudos de casos realizados com vítimas de *bullying*. A distribuição se deu conforme a Imagem 1.

Imagem 1: Fluxograma e categorização dos artigos encontrados – Brasil, 2020-2023



Fonte: Elaboração própria.

Observamos que a maioria dos artigos captados se encaixam nas categorias de foco correlacional e foco descritivo. Os focados em fatores correlacionais buscam analisar associações entre o *bullying* e diversos outros fatores sociais que permeiam as vidas dos agressores ou vítimas, tais como: adversidades familiares, doenças, sofrimentos mentais, diversidade de gênero e de orientação sexual, diversidade étnica, questões relacionadas à imagem corporal, deficiências, comportamentos desviantes, desengajamento moral, dentre outros. Já os descritivos buscam abordar a prevalência do *bullying* escolar, as características envolvidas no fenômeno, quais as percepções dos profissionais da educação sobre o *bullying* e as estratégias utilizadas por estes atores.

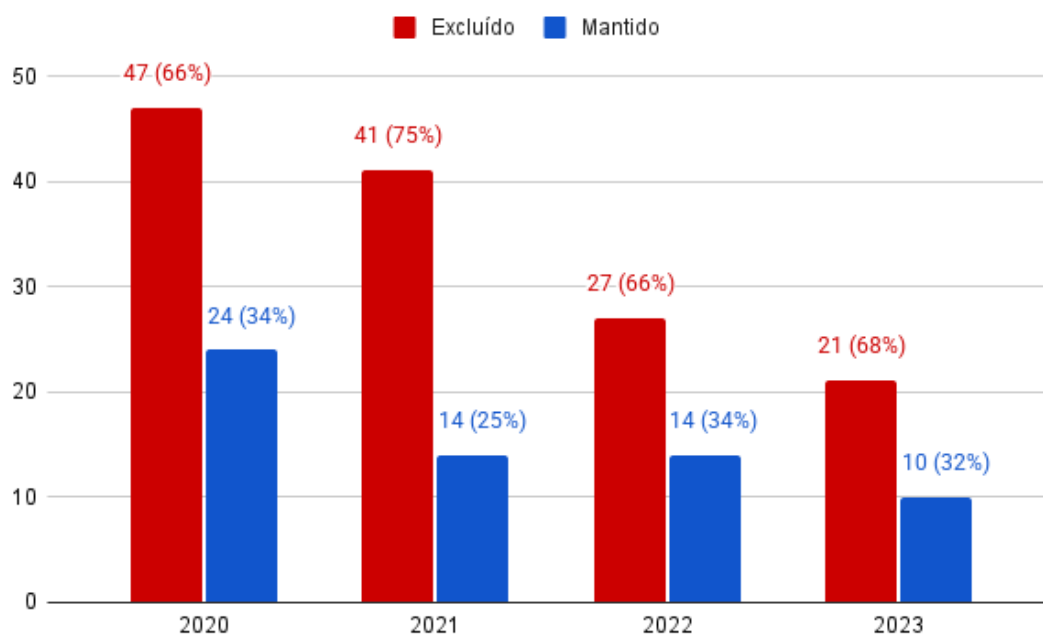
Os artigos com foco em intervenção avaliam os efeitos de intervenções antibullying realizadas em contextos escolares específicos. Os artigos concentrados em estudo de casos, por

sua vez, avaliam as experiências particulares vividas pelos participantes da pesquisa. Apresentando apenas um caso, o estudo sobre as dinâmicas relacionais do *bullying* se concentra em avaliar o status sociométrico dos participantes envolvidos, associando-o às variáveis idade, sexo, vitimização e agressão por *bullying* (Zequinão *et al.*, 2020a).

VISÃO GERAL DOS ARTIGOS

Verificamos uma forte inclinação dos estudos para a descrição do *bullying* e a análise dos fatores correlacionados ao fenômeno. Aparentemente, existe pouco interesse por estudos acerca da intervenção, casos específicos e dinâmicas de relação entre pares. Em relação à distribuição temporal, dos casos mantidos, o ano de 2020 foi o que apresentou maior volume de publicações, com 24 artigos. Os anos de 2021 e 2022 apresentaram um total igual a 14 estudos publicados cada, enquanto o ano de 2023 incluiu apenas 10 textos. Ainda que os baixos quantitativos registrados nos anos de 2021 e 2022 possam ter relação com os efeitos da pandemia de COVID-19, que manteve as escolas fechadas por longos períodos e os pesquisadores atuando em trabalho remoto, o baixo quantitativo registrado em 2023 surpreende, pois mostra que mesmo dois anos após o fim do período pandêmico a produção acadêmica sobre o *bullying* não recuperou o fôlego do período pré-pandemia.

Gráfico 1 - Distribuição dos artigos excluídos e mantidos por ano de publicação



Fonte: Elaboração própria.

Sobre a forma como os estudos conceituam o *bullying* nas escolas, dos 62 incluídos, 16 não apresentavam nenhum tipo de conceituação sobre o termo “*bullying*”. A maioria dos outros utilizaram o conceito apresentado inicialmente por Olweus (1993), abarcando as seguintes características: desequilíbrio de poder, repetitividade e intencionalidade.

Tabela 1 - Distribuição por artigos por conceituação do *bullying*

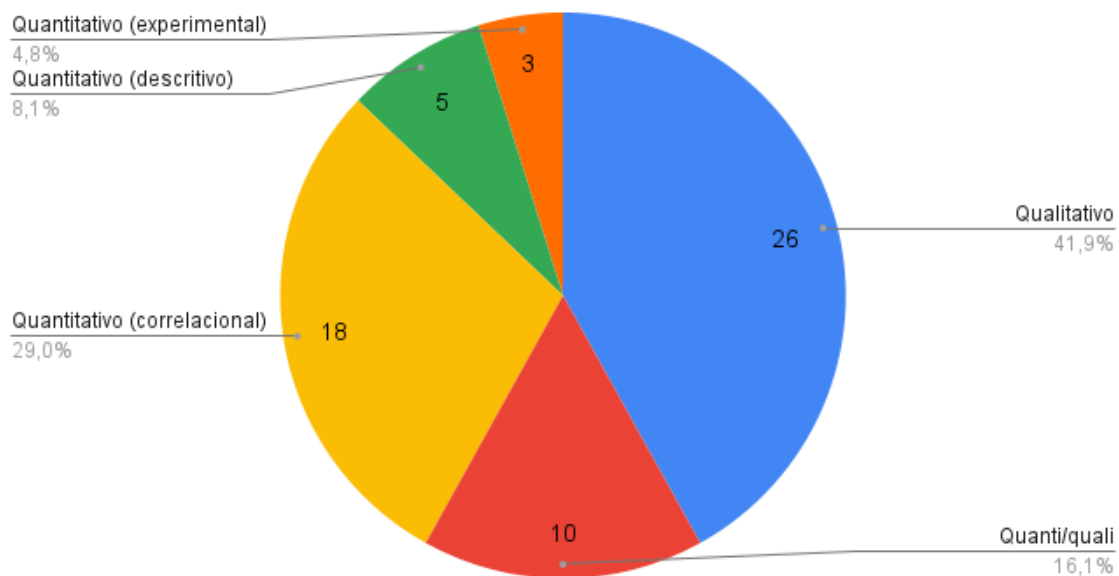
	N	%
Conceituam	46	74,19
Não conceituam	16	25,81

Total	62	100
-------	----	-----

Fonte: Elaboração própria.

No que se refere aos desenhos de pesquisa, encontramos quantias semelhantes de estudos que empregaram métodos qualitativos e quantitativos, totalizando 26 artigos com natureza estritamente qualitativa e outros 26 com natureza estritamente quantitativa. As pesquisas estritamente quantitativas se dividiram em: quantitativas correlacionais (18), quantitativas descritivas (5) e quantitativas experimentais (3). Outros 10 artigos usaram metodologia quanti-quali.

Gráfico 2 - Distribuição dos artigos por desenho de pesquisa



Fonte: Elaboração própria.

As estratégias de coleta e análise de dados foram múltiplas, por isso apresentamos apenas as mais utilizadas. Para as coletas de dados tivemos 16 diferentes métodos, ou combinações de métodos, os mais frequentes sendo questionários (40) e entrevistas (24). Ainda assim, outras estratégias de coleta se destacaram, como grupos focais (4), observação (4) e análise documental (3). Na estratégia de análise de dados, as abordagens mais comuns foram: estatísticas descritivas (29), testes de diferenças de médias (16), análise de conteúdo (13), modelos de regressão (8), análise temática (5) e análise do discurso (4).

A unidade de análise foi, na maioria dos casos (41, ou 66%), os próprios alunos. Também foram analisados pais, professores, pedagogos, profissionais da educação, orientadores pedagógicos, gestores escolares e equipe de saúde. Os números de participantes foram muito variados, indo de 1 até mais de 100.000. As idades destes indivíduos também foram diversas, já que compreendiam desde alunos do ensino fundamental até adultos, mas muitos estudos têm seu foco em alunos de idades específicas, oferecendo resultados acerca de seus comportamentos.

O QUE OS PESQUISADORES DEFINEM COMO *BULLYING*?

Um dos principais desafios associados ao uso do conceito de *bullying* é certificar-se de que ele está sendo utilizado ou mensurado de maneira adequada. O alinhamento teórico e metodológico é por vezes difícil de ser alcançado devido à ausência de informações básicas a respeito do referencial teórico e dos procedimentos utilizados para a coleta dos dados (Silva, 2024). Esse desafio ficou muito evidente nesta revisão quando observamos que 16 dos 62 artigos

selecionados (ou seja, 26%) não explicitam o conceito que norteia o texto. Neles, observa-se uma descrição superficial do fenômeno, assumindo que o uso do conceito já garante a compreensão total dos fenômenos envolvidos.

Proposto por Olweus (1993), o conceito de *bullying* originalmente implicava que as agressões entre pares fossem repetitivas, que houvesse intenção de provocar o dano e algum desequilíbrio de poder entre as partes. Com a popularização do conceito, ganham centralidade outros subtemas, como as situações que ocorrem em ambiente virtual (*cyberbullying*), o papel dos espectadores (Tognetta; Vinha, 2008) e das vítimas-agressoras (Silva; Vilela; Oliveira, 2024). Tantas definições e recortes implicam que o bom texto acadêmico demonstre o investimento do pesquisador na fundamentação teórica do modelo analítico proposto, algo que a partir dos resultados da revisão não tem sido contemplado por um número considerável de publicações.

A definição de *bullying* pode variar de acordo com o olhar dos pesquisadores e as diferentes dimensões de análise que cada estudo aborda. Embora apenas 24 estudos (39%) tenham definido o *bullying* a partir das três características básicas - mencionando conjuntamente a repetitividade, a intencionalidade e o desequilíbrio de poder entre agressor e vítima - de maneira geral, muitos estudos destacaram um ou outro destes aspectos. A repetitividade e a intencionalidade foram mencionadas respectivamente em 36 (58%) e 44 (71%) artigos. O desequilíbrio de poder, por sua vez, foi mencionado por 28 (45%) deles. Além disso, para definir *bullying*, nove estudos⁴ abordaram a ausência de uma motivação clara para os ataques, nove⁵ enfatizaram a condição de que a violência aconteça entre pares e quatro⁶ ressaltaram a incapacidade de a vítima se defender como um aspecto. Três artigos⁷ exploraram o *cyberbullying*, caracterizando-o em geral como difamação ou ameaça por meios eletrônicos.⁸

Tabela 2 - Aspectos que caracterizam o fenômeno *bullying* segundo os textos selecionados – Brasil, 2020-2023

Características	N	%
Repetitivo	44	70,9%
Intencional	36	58%
Desequilíbrio de poder	28	45,1%
Sem motivação evidente	9	14,5%
Violência entre pares	9	14,5%
Incapacidade da vítima se defender	4	6,4%

Fonte: Elaboração própria.

Para compreender melhor o que os pesquisadores consideram como *bullying*, é importante explorar as definições atribuídas ao conceito nos textos analisados. Muitos exemplificam as ações violentas, as quais podem ocorrer através de agressões verbais, físicas, violência psicológica, por meio de exclusão social, difamação ou por meios virtuais, como no *cyberbullying*. Os autores citam desde comportamentos como zombar e excluir deliberadamente colegas até discriminações por características linguísticas ou socioeconômicas.

⁴ Alencastro *et al.* (2020), Amaral; DiGiovanni (2022), Faria *et al.* (2022), Fernandes *et al.* (2020), Gabriel; Batista (2022), Garcia; Morais de Souza (2022), Pereira (2022), Santos; Fernandes (2022) e Vasconcelos; Ferreira (2021).

⁵ Albuquerque; Souza (2022), Alves *et al.* (2023), Falcão; Stelko-Pereira; Alves. (2021), Faria *et al.* (2022), Monteiro; Assineli-Luz (2020), Santos *et al.* (2023), Silva *et al.* (2020), Silva *et al.* (2020a) e Tognetta *et al.* (2021).

⁶ Fernandes; Dell’Aglia (2023), Garcia; Morais de Souza (2022), Pigozi; Machado (2020) e Pimentel; Méa; Pátias (2020).

⁷ Flôres *et al.* (2022), Russo (2020), Souza *et al.* (2022).

⁸ Um dos artigos foi excluído da contagem formal, pois utiliza a definição pessoal de um entrevistado, que se referiu ao *bullying* com as palavras “exclusão” e “violência” ao lado de um desenho ilustrativo (Foresti *et al.*, 2023). Outro foi retirado por se referir estritamente a “*bullying* homofóbico” (Silva *et al.*, 2020).

Os pesquisadores têm caracterizado o *bullying* de diferentes formas, destacando suas variadas manifestações e motivações. Para Silva e Leite (2023), os ataques verbais se destacam como o tipo de *bullying* de maior incidência, e a prática pode ocorrer devido a “individualismo, preconceitos, influência familiar e socioeconômica, falta de políticas públicas, valores negativos comuns à sociedade contemporânea e banalização da violência” (Silva; Leite, 2023: 116). Fontanive *et al.* (2021) acrescentam que as práticas mais comuns incluem zombar, espalhar rumores e excluir o colega de atividades deliberadamente. Além disso, Rocha (2020) aborda também o *bullying* linguístico sofrido por alguns alunos, que têm seu sotaque ou seu “jeito de falar” discriminado por outros colegas. O artigo de Souza *et al.* (2022) focou especificamente no *cyberbullying*, o qual, segundo os autores: “*envolve comportamentos hostis, por meio da difusão de informações eletrônicas difamatórias via e-mails, envio de mensagens e/ou publicação de imagens humilhantes em sites e redes sociais, sem as devidas autorizações, entre outros*” (Souza *et al.*, 2022: 3).

Em suma, verificamos que, embora o uso do conceito esteja bastante disseminado, a forma de conceituação ainda varia muito entre as pesquisas. Até mesmo a necessidade de se conceituar o termo *bullying* e se oferecer uma explicação sobre o fenômeno está precariamente estabelecida entre os pesquisadores, tendo em vista que 26% deles usaram o termo sem oferecer uma conceituação. Dentre os estudos que apresentaram um conceito, menos da metade se atentaram ao componente básico do desequilíbrio de poder entre agressor e vítima. Este componente tem suma importância, uma vez que permite diferenciar o *bullying* da agressão entre pares, a qual se apresenta como brigas cotidianas e corriqueiras entre pares em relações de poder equilibradas (Silva, 2024). Assim, a inobservância desta característica ameaça a correta identificação e mensuração do *bullying*, bem como sua diferenciação frente a outros fenômenos de menor gravidade. Concluímos que ainda é preciso fortalecer junto ao campo de pesquisa a necessidade de se empregar o conceito “*bullying*” de forma criteriosa e teoricamente embasada.

AFINAL, QUAL A PREVALÊNCIA DO *BULLYING* NO BRASIL?

A análise da magnitude do *bullying* no Brasil revela uma lacuna significativa na literatura existente, especialmente no que se refere a pesquisas quantitativas representativas em nível nacional e em grandes áreas, como as Unidades da Federação. Essa carência de dados impede a construção de taxas de incidência e prevalência consistentes sobre o fenômeno (Silva, 2024). A grande maioria dos estudos incluídos nesta revisão bibliográfica foram desenvolvidos em contextos específicos e com número limitado de participantes.

Dos 62 artigos, 36 foram classificados como quantitativos ou quali-quantitativos. Todos eles informam o número total de participantes; no entanto, muitos não fornecem as incidências de vitimização, agressão e vitimização/agressão. Dentre os artigos que informam as prevalências de vitimização por *bullying*, verificam-se valores muito díspares que oscilam de 6,2% a 68,4%. Da mesma forma, as prevalências de prática de *bullying* variam de 6,9% a 36,3%, e as de vitimização/agressão (reportadas por apenas cinco artigos) oscilam entre 2% e 22,9%.

A grande discrepância entre as prevalências registradas se deve principalmente às divergências entre as formas de mensuração dos estudos. Não apenas a estrutura da pergunta que é apresentada ao estudante varia muito, mas também a frequência e o recorte temporal considerados apresentam grande variação entre os artigos. Além disso, há pouca homogeneidade nas formas de concepção e conceituação do fenômeno, como foi discutido na seção anterior. Este cenário destaca a necessidade de investigações mais abrangentes e de maior rigor conceitual e metodológico, que possam elucidar a extensão e as nuances do *bullying* no contexto brasileiro, possibilitando uma compreensão mais clara sobre suas implicações e consequências para os indivíduos afetados.

A literatura revisada apresenta contextos de alta incidência de *bullying* no Brasil, com variações significativas nos índices de vitimização e agressão entre diferentes grupos. Observa-se um recorte de gênero em alguns estudos, destacando uma maior vulnerabilidade entre meninas. Freire *et al.* (2020) apontam que, das 60 garotas de 11 a 14 anos entrevistadas, 68,4% afirmaram já

terem sofrido *bullying*, sendo que 76% das vítimas sofriram de *bullying* perpetrado por meninos. O tipo de *bullying* mais comum foi o verbal, seguido do *bullying* relacionado a racismo. O estudo qualitativo de Vasconcelos e Ferreira (2021) reforça a questão de gênero ao mostrar que 70,33% das meninas entrevistadas sofreram *bullying*, enquanto 30,33% admitiram praticá-lo.

Alguns pesquisadores focaram em amostras de alunos com características específicas e encontraram níveis elevados de *bullying*. Falcão, Stelko-Pereira e Alves (2021) encontraram uma prevalência de 63% de vitimização por *bullying* entre estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Zamprogno *et al.* (2020), analisando uma pequena amostra de estudantes com gagueira persistente, registraram uma incidência de 40% de vítimas de *bullying*. A violência contra pessoas LGBT também é abordada. Albuquerque e Souza (2022) entrevistaram uma amostra de estudantes universitários sobre as experiências de *bullying* homofóbico que pudessem ter vivido durante a educação básica e detectaram indicações de vitimização por *cyberbullying* em 49% dos participantes.

Malta *et al.* (2022) apontam, com base em dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2019), que um em cada quatro alunos sofre *bullying*, enquanto para *cyberbullying* essa relação é de um para cada nove alunos, demonstrando que o *bullying* presencial é mais frequente. Já Russo (2020), com base em dados da PeNSE 2015, e analisando os resultados de outra questão referente ao *bullying*, registrou 46% de vitimização. Caetano, Galinari e Bazon (2023) identificaram 46,07% de vitimização por *bullying* entre 102 estudantes de escolas públicas de uma cidade do interior do estado de São Paulo.

Alguns dos outros estudos que revelam taxas de vitimização e agressão informam porcentagens diferentes. Por exemplo, Veloso *et al.* (2020) reportam uma incidência de vitimização por *bullying* de 6,2% entre os estudantes, enquanto 19% declararam praticar *bullying*. Silva *et al.* (2020a) apresentam dados semelhantes, com 8,35% de vítimas, 21,26% de agressores e 2% de estudantes que vivenciaram ambas as posições. Em outra amostra, Oliveira *et al.* (2020) identificam 10,3% de agressores, 10,1% de vítimas e 5,4% de vítimas-agressoras, em um universo de 2.354 alunos entrevistados. Por sua vez, Souza *et al.* (2022) apresentam um panorama comparativo entre Brasil e Angola, constatando uma maior incidência de *bullying* no Brasil (43,47% de vítimas e 8,69% de agressores) em relação à Angola (23,07% de vítimas e 3,84% de agressores). Os efeitos do *cyberbullying* foram percebidos pelos alunos brasileiros como mais impactantes do que os do *bullying* presencial.

PERFIL DAS VÍTIMAS E AGRESSORES

A análise das características das vítimas e agressores revela um panorama complexo, com fatores sociodemográficos, psicológicos e contextuais que influenciam o envolvimento de estudantes em casos de violência escolar.

Para a compreensão das características relacionadas ao fenômeno *bullying*, Veloso *et al.* (2020) analisam uma série de condições (sociodemográficas, nutricionais, escolares, comportamentais e de percepção corporal). O estudo aponta uma associação da vitimização à percepção corporal (se considerar gordo), idade (13 anos), transtornos de ansiedade e considerar o *bullying* como uma “brincadeira”. Silva *et al.* (2020a) observaram uma maior probabilidade de vitimização dos estudantes quando estes se “sentem diferentes”, têm baixa autoestima, usam tranquilizantes/calmanes e são do sexo feminino. Em contrapartida, os autores destacam que o perfil dos agressores tende a incluir características como consumo de álcool, comportamentos transgressores e ser do sexo masculino (Silva *et al.*, 2020a; Silva; Leite, 2023). Entre as meninas adolescentes destacaram-se a utilização de estereótipos de gênero como fofoqueiras, invejosas ou falsas, para caracterizar pejorativamente umas às outras (Freire *et al.*, 2020). Para os autores, este problema pode ser resolvido por meio do desenvolvimento da resiliência e do empoderamento da identidade das alunas.

Santos *et al.* (2023) procuraram entender como os transtornos alimentares e a insatisfação corporal podem estar associados à vitimização por *bullying*. De acordo com o estudo, alunos de

baixa renda e que não têm amigos são mais propensos a serem vítimas de *bullying*. Já possuir insatisfação corporal não apresentou associação com a vitimização por *bullying*. Por outro lado, Russo (2020) registrou maior probabilidade de vitimização tanto para alunos abaixo do peso quanto para aqueles com sobrepeso. Os alunos entrevistados no estudo de Santos e Silva (2021) - sobre os quais não se informou acerca do envolvimento ou não com *bullying* - não estão satisfeitos com sua aparência, possuem uma inclinação a modificações corporais e acreditam que a aparência física contribui para a vitimização por *bullying*.

A escola também se mostra como um ambiente que reforça certos preconceitos, como o linguístico, evidenciando o papel do ambiente escolar como um microsistema onde preconceitos sociais se manifestam como *bullying* (Monteiro; Assineli-Luz, 2020). Professores identificaram que pátios e salas de aula são os locais com maior incidência de *bullying*, em especial ligado à aparência física das vítimas (De Lima; Pereira; Francisco, 2020), e relataram que problemas familiares, influências culturais e preconceitos são fatores que estimulam a violência entre pares (Bottós *et al.*, 2021). Faria, Gomes e Modena (2022) identificaram, através dos relatos de seus entrevistados, o que caracterizaram como um “mar de *bullying*” homofóbico sofrido retrospectivamente, o qual ocorria não só presencialmente, mas também através dos meios tecnológicos. Os autores refletem que, embora o termo *bullying* consista em um estrangeirismo que apenas no século XXI aporta no contexto brasileiro, a presença das violências foi uma constante nas trajetórias escolares dos participantes da pesquisa.

A literatura também discute as experiências de *bullying* entre estudantes com deficiências e condições de saúde específicas. Jovens com fissuras labiais (Ramos *et al.*, 2021), autismo (Falcão; Stelko-Pereira; Alves, 2021), gagueira persistente (Zamprognó *et al.*, 2020), alopecia (Pigozi; Machado, 2020), câncer (Braga; Mattos; Cabral, 2021), diabetes (Gonçalves *et al.*, 2022) e Síndrome de Treacher Collins (Guedes; Ribas; Marques Abramides, 2020) enfrentam altos níveis de vitimização, com manifestações de preconceito e exclusão em atividades escolares. Esses estudos revelam um padrão de insuficiência nos suportes oferecidos, tanto na saúde quanto na educação, que intensificam o sofrimento das vítimas de *bullying*, ressaltando a necessidade de intervenções mais qualificadas e integradas.

A diversidade étnica também é um fator associado ao *bullying*. Ela foi o foco de Vaz, Melo e Almeida (2020), que pesquisaram as experiências de alunos indígenas da etnia Xakriabá em uma escola majoritariamente não indígena. Foram identificadas práticas de *bullying* e/ou discriminação contra os alunos indígenas, manifestadas principalmente através da “zoeira” e do deboche e relatadas não só por alunos, mas também por metade dos professores entrevistados.

Em casos de violência entre pares, adolescentes que experienciaram agressões prévias podem reproduzir o *bullying*, particularmente com aqueles vistos como “inferiores” hierarquicamente. A violência doméstica, especialmente vinda da mãe e irmãos, surge como um fator relevante na formação de agressores (Silva *et al.*, 2021, Rocha; Raposo, 2023). Alckmin-Carvalho *et al.* (2021) desenvolveram em estudo experimental no qual exploraram a associação entre *bullying* e adversidades familiares como violência doméstica, negligência emocional ou física, abusos emocionais, físicos ou sexuais, abuso de substâncias, transtorno mental, separação ou prisão dos pais/cuidadores. Foi verificado que o “índice de adversidade familiar” médio dos participantes vítimas de *bullying* era maior quando comparado ao do grupo controle, sendo que a discórdia conjugal e os transtornos psiquiátricos foram as adversidades mais frequentes em famílias de vítimas de *bullying*.

Já Zequinão *et al.* (2020) verificaram, junto a uma amostra de estudantes do ensino fundamental de Florianópolis, que apanhar em casa foi associado ao envolvimento dos alunos em situações de *bullying* como vítimas, vítimas-agressoras e agressores, sendo que as vítimas-agressoras foram o grupo que demonstrou maior vulnerabilidade em relação a esta associação. Oliveira *et al.* (2020) detectaram, por meio de associações estatísticas, que há menor probabilidade de envolvimento em *bullying* quando os estudantes apresentam melhor qualidade na interação familiar, sendo que a relação inversa também foi confirmada no caso contrário.

Os efeitos socioeducativos e comportamentais do envolvimento da família na vida escolar de alunos do sexto e sétimo ano das escolas públicas do Recife foram avaliados por Rocha e Raposo (2023). Eles registraram que aqueles que têm responsáveis presentes na vida acadêmica apresentam menores índices de prática de *bullying* em sala de aula. Ademais, encontraram correlações positivas e significativas entre o uso de violência verbal ou física dos pais contra os filhos e os indicadores de agressões praticadas por estes em sala de aula. Fernandes, Yunes e Finkler (2020), por sua vez, encontraram uma relação contraditória entre, por um lado, a vitimização por *bullying* e por violência doméstica, e, por outro, as percepções de adolescentes sobre suas figuras de apoio social e afetivo. Os adolescentes, muitas vezes, indicaram seus perpetradores de violência como contatos positivos e relataram manter relacionamentos positivos na escola, ainda que a vida escolar fosse rotineiramente afetada pelo *bullying*. A interpretação dos autores foi de que o apoio entre pares atua como uma força essencial para a superação das adversidades.

Comportamentos desviantes ou de risco, como o abuso de álcool, a iniciação sexual precoce e a prática de delitos, também são associados ao envolvimento em *bullying*, o que foi destacado por três artigos. Conegundes *et al.* (2020) investigaram os fatores associados ao comportamento de abuso de bebidas alcoólicas entre alunos do 7º e 8º anos do ensino fundamental. Dentre as diversas variáveis analisadas, a prática de *bullying* teve associação significativa. Os autores interpretaram que o envolvimento do estudante com o *bullying* pode engendrar dificuldades emocionais e adaptativas no ambiente escolar que aumentam a vulnerabilidade a comportamentos de risco, como o uso abusivo de álcool. Castro *et al.* (2023) identificaram, a partir dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2015, a prática de *bullying* como um dos fatores associados à iniciação sexual de adolescentes do Piauí. A prática persistente de *bullying* também se mostrou associada ao envolvimento de adolescentes do 9º ano em ao menos uma conduta delituosa, segundo Caetano *et al.* (2023).

Dois estudos investigaram a associação entre *bullying* e capital social. Reisen, Leite e Santos Neto (2021) concluíram que menores níveis de capital social estão associados a maiores chances de vitimização e agressão por *bullying*, o que os autores relacionam a aspectos como sentimento de pertencimento ao grupo, colaboração mútua, confiança e empatia. Zequinão *et al.* (2020a) se concentraram em analisar o status sociométrico de participantes envolvidos em *bullying* escolar, associando-o às variáveis idade, sexo, vitimização e agressão por *bullying*. Foram coletados questionários de 409 alunos de duas escolas públicas de Florianópolis, através dos quais o estudo concluiu que praticantes de *bullying* apresentam um status mais positivo que as vítimas, o que pode levar a uma normalização da violência, visto que o status sociométrico se mostrou mais importante na determinação da hierarquia social do que fatores como as condições financeiras dos participantes.

O desengajamento moral dos estudantes foi o foco de duas pesquisas. Silva *et al.* (2020) encontraram evidências de desengajamento moral no comportamento de praticantes de *bullying* homofóbico, já que estes culpabilizavam as vítimas para justificar moralmente suas atitudes e se sentirem melhor, levando-as a internalizarem este significado para as violências sofridas. Tognetta, Oliveira e Bonfim (2021) investigaram a adesão a valores morais como respeito, justiça e solidariedade por adolescentes envolvidos em situações de *bullying* em escolas do ensino fundamental do estado de São Paulo. Observaram que os agressores apresentavam as menores taxas de adesão aos valores do respeito (64,58%), da justiça (66,67%) e da solidariedade (72,92%) quando comparados aos demais envolvidos. Por sua vez, as vítimas foram as que demonstraram maior adesão aos valores da solidariedade e da justiça. Os espectadores registraram boas taxas de adesão aos valores morais, indicando que este grupo pode configurar um bom agente de mudanças.

COMO COMBATER O *BULLYING*? ESTUDOS COM FOCO EM INTERVENÇÕES

Nesta seção, apresentamos os artigos que focaram no enfrentamento ao *bullying*, os quais se concentram principalmente em avaliar os efeitos de intervenções anti*bullying* realizadas em contextos escolares específicos e em captar as percepções e atitudes dos docentes diante do

fenômeno. Ressaltamos, porém, que os relatos de experiência foram excluídos nesta revisão sistemática, por apresentarem baixo rigor metodológico e serem tão numerosos que sua inclusão inviabilizaria a análise. Ainda assim, podemos afirmar que a abundância destes relatos revela uma tendência positiva de que as escolas estão de fato agindo, com os recursos de que dispõem, no enfrentamento ao *bullying*.

Alencastro *et al.* (2020) avaliaram os efeitos de uma intervenção baseada no Teatro do Oprimido na redução do *bullying* escolar entre uma amostra de 232 alunos do ensino médio de duas escolas públicas da cidade de Cuiabá, obtendo uma redução significativa da vitimização direta (agressões físicas e verbais) por *bullying* entre o grupo de tratamento, em comparação com o grupo controle. Já Pigozi *et al.* (2023) encontraram efeitos positivos da roda de conversas como instrumento capaz de reduzir o *bullying* entre alunos do ensino fundamental de uma escola do estado de São Paulo.

Duas das pesquisas que avaliaram intervenções específicas tiveram caráter experimental. Fernandes e Dell'Agio (2023) desenvolveram um estudo entre estudantes do ensino fundamental no qual avaliaram o impacto da intervenção #NoBullying, que consistiu na realização de encontros grupais semanais pautados pela combinação de abordagens e técnicas como psicoeducação, dinâmicas de grupo e trabalhos de casa. Dentre os resultados do grupo de tratamento, foram registradas melhora na clareza das percepções dos alunos quanto ao *bullying*, na avaliação da qualidade de vida, na satisfação com a escola e aumento da percepção de apoio social por parte dos professores e demais atores. Por sua vez, Bottan *et al.* (2020) avaliaram, entre adolescentes de escolas públicas de Porto Alegre, os resultados de uma intervenção anti*bullying* que consistiu na realização de dois encontros nos quais se abordaram questões relacionadas ao *bullying*, ao preconceito e à vitimização através de dinâmica de sensibilização e se estabeleceram regras voltadas ao exercício da habilidade social de civilidade e empatia. Os resultados não indicaram efeito significativo da intervenção, o que os autores atribuíram à brevidade da mesma.

O papel dos professores no que se refere ao *bullying* também é enfatizado em vários estudos. Os professores entrevistados por Santos *et al.* (2020) destacaram a importância da presença de equipes multidisciplinares para capacitar toda a comunidade escolar para o enfrentamento. Por outro lado, muitos professores entrevistados por Salgado *et al.* (2020), acreditam que o combate ao *bullying* dependeria exclusivamente do envolvimento familiar. Pereira (2022), por sua vez, discorreu sobre a percepção subjetiva de professores de Campinas e da Catalunha, Espanha, acerca dos aspectos relacionados à consecução da justiça restaurativa como ferramenta de combate ao *bullying* nas escolas. Sobre os professores brasileiros, a autora observou uma dificuldade de se desprenderem das relações de poder e de controle próprias do lugar de professor, o que, segundo ela, compromete a horizontalidade do diálogo e faz com que eles não atendam à imparcialidade necessária à execução da justiça restaurativa.

As intervenções adotadas por docentes do sistema público de educação do Paraná em situações de violência e *bullying* foram analisadas por Amaral e DiGiovanni (2022), que concluíram que os professores não são e/ou não se sentem preparados para intervir adequadamente, reagindo conforme visões limitadas por suas condições históricas individuais de formação e vida privada. Bitencourt *et al.* (2021) analisaram o gerenciamento do *bullying* por orientadores pedagógicos de escolas de ensino fundamental também do Paraná e reforçaram a carência generalizada de conhecimento sobre o *bullying*, o que pode trazer dificuldades no reconhecimento dos contextos de vitimização e agressão. A partir de entrevistas semiestruturadas com professores da região de Aracaju (SE), Santos *et al.* (2022) identificaram um discurso de naturalização do *bullying*.

O nível de conhecimento dos professores da rede estadual de São Paulo acerca do *bullying* de caráter LGBTfóbico foi investigado por Mota (2022). O autor verificou que, embora a maioria dos entrevistados apontem os alunos LGBT como os principais alvos desta violência e afirmem já terem aventado o assunto em alguma ocasião em suas aulas, grande parte deles não tiveram qualquer preparação sobre *bullying* durante a formação profissional. Conclui-se que as diversidades sexuais ainda são um campo delicado e pouco explorado no ambiente escolar. Em linha semelhante, Albuquerque e Souza (2022) destacam problemas enfrentados por estudantes ao

revelar sua orientação sexual, apontando uma ineficácia generalizada dos profissionais escolares para abordar tais situações.

Flôres *et al* (2022) focaram no *cyberbullying* e buscaram compreender a concepção dos professores de uma escola pública do interior do Rio Grande do Sul sobre este fenômeno, bem como as estratégias utilizadas por eles no enfrentamento. Verificaram que, embora a maioria dos participantes tenha conhecimento de situações de *cyberbullying* envolvendo os alunos, não são realizados projetos específicos voltados para esta questão. Ainda assim, os professores destacaram como intervenções necessárias e possíveis o diálogo com os estudantes envolvidos e com seus responsáveis, além da oferta de palestras, filmes e teatros sobre o tema à comunidade escolar. Já o estudo de Peres, Peres e Peres (2020) apontou um déficit na formação dos professores para o enfrentamento ao *bullying*, na medida em que as matrizes curriculares e os planos de ensino de cursos de licenciatura em educação física não incluem conteúdos que abordem a violência nas escolas e o *bullying*.

Por fim, dois artigos abordaram o enfrentamento ao *bullying* sob a perspectiva dos próprios estudantes. Gonçalves, Cardoso e Argimon (2021) buscaram entender quais os mecanismos utilizados pelas vítimas para lidar com o *bullying*, chegando à conclusão de que apenas 34% delas empregam alguma estratégia. Eles concluem que métodos que encorajem, promovam a aceitação, a autocompaixão, o diálogo e a confiança na fé podem ser formas de ajudar adolescentes que passaram pelo *bullying*. Santos e Fernandes (2022) captaram as percepções de estudantes do ensino médio de um instituto federal de educação em Mato Grosso sobre como acabar com o *bullying*. Ao responderem à pergunta “Tem uma sugestão para acabar com o *bullying*?”, cerca de um terço dos entrevistados reproduziram um discurso violento, apontando a punição e os atos de violência como a solução para lidar com o *bullying* na escola. Os autores interpretaram este fato a partir da ideia de banalização do mal e da projeção de ideologias neoliberais, que estimulam a competitividade entre os indivíduos e promovem exclusão, segregação e submissão.

PARA ALÉM DO *BULLYING*: AS CONSEQUÊNCIAS DO FENÔMENO

Nesta seção abordamos os impactos psicossociais e comportamentais que o *bullying* provoca nas vítimas, especialmente adolescentes em ambiente escolar. Diversos estudos destacam o potencial do *bullying* para desencadear problemas de saúde mental e sofrimento emocional, incluindo transtornos como depressão, ansiedade, ideação suicida, autolesão e transtornos alimentares.

O *bullying* foi investigado como um fator associado ao sofrimento mental dos estudantes em seis artigos. Silva e Leite (2023) observam que o *bullying* pode levar a transtornos psicossociais, como depressão, suicídio e constrangimento. Segundo os autores, os métodos utilizados pela escola para conter esses eventos são palestras, conversas entre professor e aluno ou, em último caso, rompimento da relação entre os estudantes envolvidos. Eles criticam a tendência de considerar práticas de violência como algo comum entre jovens, incentivando que esse assunto não seja revisto apenas em situações extremas. Em correlação, quase metade (43%) de todos os estudantes pesquisados⁹ por Garcia e Morais de Souza (2022) assumiram ter medo do ambiente escolar, o que gera insegurança, baixa autoestima e dificuldades de aprendizagem, além de recusa a frequentar a escola. Foresti *et al.* (2023) apresentam um estudo de caso de um adolescente que usa a infrequência escolar como forma de se proteger do *bullying* sofrido. Também é apontada a falha da parte do corpo escolar em tomar medidas que sejam eficientes contra as violências cometidas à vítima.

Pimentel, Méa e Pátias (2020) encontraram correlação positiva entre vitimização por *bullying* e ideação suicida, além de sintomas de depressão, ansiedade e estresse, o qual é mais prevalente entre as meninas. Alves *et al.* (2023) também verificaram que o *bullying* pode ser considerado fator de risco para a depressão entre adolescentes uma vez que está intimamente

⁹ Neste artigo, além de observações e diários de campo, foram entrevistados um total de 15 pessoas (contando com alunos e uma vice-diretora). Todos os alunos (100%) afirmaram ter sofrido *bullying* no ambiente escolar.

ligado ao desenvolvimento de sentimentos de vergonha e tristeza, que levam ao isolamento. Pedrosa *et al.* (2022) constatou associações entre sofrimento mental – ansiedade, tristeza, medo – e *bullying* entre alunos do ensino fundamental de escolas localizadas na fronteira transamazônica do estado do Amapá. Os adolescentes demonstraram, por exemplo, medo de sofrerem *bullying* e serem excluídos pelos colegas de escola caso viessem a ganhar peso e ficar gordos. Os relatos dos estudantes entrevistados por Oliveira *et al.* (2021) destacaram o impacto significativo do *bullying* nas escolas sobre sua saúde mental e bem-estar, evidenciando uma internalização da culpa por parte das vítimas e uma desconfiança nas respostas institucionais.

Dois dos artigos focados em sofrimento mental evidenciaram comportamentos autolesivos entre os estudantes. Moraes *et al.* (2020) realizaram levantamento em prontuários médicos e grupo focal para investigar a automutilação entre um grupo de adolescentes em atendimento em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil. Foi constatado que o *bullying* configura um fator de risco para a automutilação, na medida em que desencadeia sentimentos de tristeza, menos valia, revolta e raiva. Costa *et al.* (2020) encontraram o *bullying* entre as causas de autolesões não suicidas em estudantes de 12 a 14 anos. Ele foi apontado como fonte de tristeza, angústia e isolamento pelas adolescentes entrevistadas.

Também foi verificado que adolescentes que sofrem com o *bullying* têm uma maior probabilidade de desenvolver transtornos alimentares, como consequência da diminuição da autoestima do estudante (Santos *et al.*, 2023). Ramos *et al.* (2023) mostraram resultados semelhantes ao identificar que a perda de peso extrema está associada ao sofrimento por *bullying* relacionado à aparência física. Em concordância, Souza e Gonçalves (2022) verificam que os estudantes relacionam a gordofobia e as agressões verbais relacionadas à aparência física com o *bullying*, salientando que ele propaga sentimentos negativos, aumentando ainda mais a violência escolar. Esses estudos revelam que o *bullying* tem consequências profundas e multifacetadas, afetando não apenas a saúde mental e emocional dos adolescentes, mas também sua saúde física e social, demandando uma abordagem mais abrangente e preventiva por parte das escolas e comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta revisão sistemática de literatura, foi examinada a produção acadêmica brasileira sobre o *bullying* escolar durante o período de 2020 a 2023. Tendo o propósito de dar continuidade aos trabalhos de Coelho (2016) e Albuquerque e Maciel (2022), a revisão aqui apresentada incluiu 62 artigos científicos, distribuídos entre as abordagens quantitativa e qualitativa, que ofereceram um amplo panorama do status da pesquisa sobre *bullying* no Brasil.

Assim como nas revisões anteriores, os estudos que se propõem a descrever o *bullying* ou abordar aspectos associados a ele se destacaram nesta revisão sistemática. Alguns fatores se sobressaem ao terem sua associação com a vitimização por *bullying* apontada por diversos artigos, tais como: transtornos alimentares e questões de percepção corporal, sexo feminino, deficiências e condições de saúde específicas, orientação sexual divergente, além de problemas relacionados a violência e/ou negligência familiar. As vítimas são caracterizadas pelo baixo capital social, enquanto os autores, por seu desengajamento moral e tendência ao envolvimento com outros comportamentos desviantes ou de risco, como o abuso de álcool, a iniciação sexual precoce e a prática de delitos. Os problemas de saúde mental e de sofrimento emocional surgem como consequências da exposição ao *bullying*, as quais incluem transtornos como depressão, ansiedade, ideação suicida e comportamentos autolesivos.

A magnitude da incidência do *bullying* apresentou grande variação entre as pesquisas, dado que a maioria delas foram desenvolvidas em contextos específicos, com número reduzido de participantes e com limitado rigor conceitual e metodológico. Ficou evidenciada a necessidade de maior cuidado na operacionalização do conceito, dado que 26% dos artigos não apresentam qualquer definição de *bullying* e apenas 39% definem o fenômeno a partir de suas três características básicas: repetitividade, intencionalidade e desequilíbrio de poder entre agressor e vítima.

O enfrentamento ao *bullying* foi um tópico que se destacou, na medida em que foram coletados tantos relatos de experiências de intervenções antibullying que foi preciso excluir estes trabalhos da revisão, sob pena de não conseguirmos analisar uma quantidade tão vultuosa de artigos. Foram mantidos apenas os artigos que avaliaram cientificamente os efeitos de intervenções específicas, tendo sido seis trabalhos. A ampliação do volume de estudos com relatos de implementação de programas antibullying vinha sendo diagnosticada desde a revisão de de Coelho (2016), embora desde então já se apontasse a necessidade de que estes estudos tivessem maior rigor metodológico na apresentação e, principalmente, na avaliação das intervenções. Outro aspecto que dificulta o enfrentamento ao *bullying*, e que foi amplamente demonstrado por diversas pesquisas, é o despreparo do corpo docente para atuar de forma qualificada.

Esta revisão sistemática evidenciou que o *bullying* tem ocupado espaço central nas pesquisas educacionais brasileiras, refletindo a relevância social e acadêmica do tema. Os estudos analisados têm buscado compreender suas causas, formas de manifestação, magnitude e possibilidades de enfrentamento, revelando um campo de investigação em expansão. Contudo, os achados também apontam para a necessidade de maior robustez científica, especialmente na definição conceitual do *bullying* e na avaliação da efetividade das intervenções voltadas à sua prevenção e combate. Assim, avança-se no reconhecimento da importância do problema, mas persiste o desafio de produzir evidências mais sólidas que orientem políticas públicas e práticas escolares eficazes.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, A. P., & Maciel, S. (2022). *Bullying* escolar: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Contexto & Educação*, 37(117), 186-198. <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2022.117.12877>
- Albuquerque, P. P. de, & Souza, D. A. A. (2022). "Relembrando os tempos de escola": A homofobia na perspectiva de estudantes universitários. *Revista de Psicologia (Fortaleza, Online)*, 13(1), 17–29. <https://doi.org/10.36517/revpsiufc.13.1.2022.2>
- Alckmin-Carvalho, F., Silva, N. S. A. D., Rafihi-Ferreira, R., & Melo, M. H. D. S. (2021). Adolescentes alvos de *bullying* e adversidade familiar: estudo caso-controle. *Pensando famílias*, 25(2), 256-271. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-494X2021000200018&script=sci_arttext. Acesso em: 25 set. 2025.
- Alencastro, L. C. D. S., Silva, J. L. D., Komatsu, A. V., & Bernardino, F. B. S. (2020). Theater of the Oppressed and *bullying*: Nursing performance in school adolescent health. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(1), e20170910. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0910>
- Alves, B., Barbalho, I. L. A., Rolim, A. L. G., Bezerra, I. P., & Fernandes, M. C. (2023). Dificuldades experienciadas no cotidiano dos adolescentes em ambiente escolar: Gatilhos para o surgimento do sofrimento mental. *Arquivos de Ciências da Saúde UNIPAR*, 27(8), 4271–4288. <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v27i8.2023-010>
- Amaral, V., & DiGiovanni, A. (2022). Compreensão e atuação de professoras em situações de *bullying* e violência no ambiente escolar. *Revista de Educação PUC-Campinas*, 27. <https://doi.org/10.24220/2318-0870v27e2022a5441>
- Biolchi, A. M. M., Neumann, I. A., Lopes, F. N. C., & de Campos, D. A. (2023). Efeitos da pandemia covid-19 nos processos sociais e educacionais de estudantes. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 15(44), 533-551. <https://doi.org/10.5281/zenodo.8271618>

Bitencourt, M. R., Hizukuri, T. S., Bitencourt, M. R., Alarcão, A. C. J., Carvalho, E. C. A., Andrade, L., Pelloso, S. M., & Carvalho, M. D. B. (2021). Variables involved in the management of school bullying: A Bayesian network analysis. *Revista Paulista de Pediatria*, 39, e2019079. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2019079>

Bof, A. M., & Moraes, G. H. (2022). Impactos da pandemia no aprendizado dos estudantes brasileiros. *Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais*, 7. <https://doi.org/10.24109/9786558010630.ceppe.v7.5586>

Bottan, G., Vizini, S., Alves, P. F. O., Guimarães, L. S. P., Nascimento, B. P., Rigatti, R., & Heldt, E. (2020). Intervenção breve antibullying para adolescentes em escolas públicas. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 41, e20190336. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190336>

Bottós, A. M., Costa, A. A., Garbin, A. J. I., Saliba, T. A., & Garbin, C. A. S. (2021). Experiência do professor na identificação do bullying na escola. *Revista Ciência Plural*, 7(3), 16–29. <https://doi.org/10.21680/2446-7286.2021v7n3ID21911>

Bozza, T. C. L., & Vinha, T. P. (2023). Cyberbullying, cyber agressão e riscos on-line: Como a escola pode atuar diante dos problemas da (cyber) convivência. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, e023059-e023059. <https://doi.org/10.21723/riace.v18i00.18444>

Braga, T. R. L., Mattos, C. X. D., & Cabral, I. E. (2021). Participatory health education on school (re)inclusion of the adolescent cancer survivor. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 74(1), e20200006. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0006>

BRASIL. (2024). *Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024*. Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares, prevê a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente e altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7/12/1940, e as Leis nºs 8.072, de 25/07/1990 e 8.069, de 13/07/1990. Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2024/lei-14811-12-janeiro-2024-795244-publicacaooriginal-170834-pl.html>. Acesso em: 25/09/2025.

Caetano, L. A. O., Galinari, L. S., & Rezende Bazon, M. (2023). Experiências estressantes, raiva, autocontrole e conduta antissocial na adolescência: Estudo na perspectiva da Teoria Geral da Tensão. *Revista de Psicologia* (Lima, Perú), 41(2), 717–761. <https://doi.org/10.18800/psico.202302.005>

Castro, L. C., Viana, V. A. O., Rufino, A. C., & Madeiro, A. P. (2023). Prevalência e fatores associados à iniciação sexual em adolescentes escolares do Piauí, 2015. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 32(1), e2022612. <https://doi.org/10.1590/S2237-96222023000100020>

Coelho, M. T. B. F. (2016). *Bullying* escolar: revisão sistemática da literatura do período de 2009 a 2014. *Revista Psicopedagogia*, 33(102), 319-330. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300010. Acesso em: 25/09/2025.

Conegundes, L. S. O., Valente, J. Y., Martins, C. B., & Andreoni, S. (2020). Binge drinking and frequent or heavy drinking among adolescents: Prevalence and associated factors. *Jornal de Pediatria*, 96(2), 193–201. <https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2018.08.005>

Costa, L. C. R., Gabriel, I. M., Lopes, D. G., Oliveira, W. A. D., Silva, J. L. D., & Carlos, D. M. (2020). Autolesão não suicida e contexto escolar: Perspectivas de adolescentes e profissionais da educação. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 16(4), 39–48. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.168295>

De Lima, D. S., Pereira, R. A. T., & Francisco, M. V. (2020). As percepções e a atuação de professoras do ensino fundamental I diante do *bullying* escolar. *Eccos Revista Científica (São Paulo, Brasil)*, (54), 1–18. <https://doi.org/10.5585/eccos.n54.13919>

Falcão, C. S. N., Stelko-Pereira, A. C., & Alves, D. L. G. (2021). Envolvimento de alunos com TEA em situações de *bullying* de acordo com múltiplos informantes. *Educação e Pesquisa*, 47, e217359. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147217359>

Faria, M. A. D., Gomes, M. C. A., & Modena, C. M. (2022). “Mar de *bullying*”: turbilhão de violências contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais na escola. *Educação e Pesquisa*, 48, e241630. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248241630por>

Fernandes, G., & Dell’Aglío, D. D. (2023). Evaluation of an anti-*bullying* intervention in the school context. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 40, e210096. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202340e210096>

Fernandes, G., Yunes, M. A. M., & Finkler, L. (2020). The social networks of adolescent victims of domestic violence and *bullying*. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 30, e3007. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3007>

Flôres, F. N., Visentini, D. M., Faraj, S. P., & Siqueira, A. C. (2022). Cyber*bullying* no contexto escolar: A percepção dos professores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 26, e226330. <https://doi.org/10.1590/2175-35392022226330>

Fontanive, N., Klein, R., Rodrigues, S. D. S., & Moraes, A. N. (2021). O que o PISA para Escolas revela sobre uma rede de ensino no Brasil? A experiência da Fundação Cesgranrio em 2019. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 29(110), 6–34. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362020002900001>

Foresti, T., Kujawa, I., Patias, N. D., & Guareschi, P. A. (2023). Representação social da escola: Relato de um estudo de caso instrumental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28, e46260. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v28i0.46260>

Freire, D. de A., Silva, R. R. da, Oliveira, T. da S., Torres, K. M. S., Cabral, J. D. R., & Menezes, M. L. N. (2020). A prática do *bullying* em adolescentes do gênero feminino. *Revista De Enfermagem Da UFSM*, 10, e40. <https://doi.org/10.5902/2179769239002>

Garcia, M. D. F., & Morais de Souza, N. (2022). *Bullying* no ambiente escolar: Um olhar à nossa volta. *Perspectivas em Diálogo*, 9(19), 140–158. <https://doi.org/10.55028/pdres.v9i19.12771>

Gonçalves, C. B. C. D., Mantovani, R. M., Albuquerque, C. T. M., Reis, J. S., & Gomes, V. M. R. (2022). O aluno com diabetes: Avaliação dos pais sobre o ambiente escolar. *Revista Médica de Minas Gerais*, 32, 32112. <https://doi.org/10.5935/2238-3182.2022e32112>

Gonçalves, F. V., Cardoso, N. D. O., & Argimon, I. I. D. L. (2021). Narratives of *bullying* and emersion of self-compassion expressions in adolescents. *Psico USF*, 26(3), 495–506. <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260308>

Guedes, E. G., Ribas, M. D. C., & Marques Abramides, D. V. (2020). Narrativas sobre a vida e o início do tratamento de uma paciente com Síndrome de Treacher Collins: Um estudo de caso. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 9(1), 46–59. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpd.v9i1.2762>

Ma, X., Stewin, L. L., & Mah, D. L. (2001). Bullying in school: Nature, effects and remedies. *Research papers in education*, 16(3), 247-270. <https://doi.org/10.1080/02671520126826>

Malta, D. C., Oliveira, W. A. D., Prates, E. J. S., Mello, F. C. M. D., Moutinho, C. D. S., & Silva, M. A. I. (2022). *Bullying* entre adolescentes brasileiros: evidências das Pesquisas Nacionais de Saúde do Escolar, Brasil, 2015 e 2019. *Revista latino-americana de enfermagem*, 30, e3679. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6278.3679>

Martins, A. C. B. L., Damasceno, R. S., de Sousa, M. A., Ripardo, M. V. S., Albuquerque, L. V. C., & Melo, M. A. C. (2021). A experiência de professores no ensino remoto: dilemas, saúde mental e contextos de trabalho na pandemia. *Expressa Extensão*, 26(2), 154-160. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextensao/article/view/20468/12995>. Acesso em: 25/09/2025.

Monteiro, M. P. G., & Asinelli-Luz, A. (2020). Diálogos sobre o *bullying* escolar e o desenvolvimento humano. *Educação Por Escrito*, 11(1), e31701. <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2020.1.31701>

Moraes, D. X., Moreira, É. D. S., Sousa, J. M., & Vale, R. R. M. D. (2020). "The pen is the blade, my skin the paper": Risk factors for self-injury in adolescents. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(Supl. 1), e20200578. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0578>

Mota, G. B. (2021). O *bullying* na sala de aula: análise do conhecimento de professores da rede estadual paulista sobre a LGBTfobia escolar. In *Colloquium Humanarum*. ISSN: 1809-8207 (Vol. 18, No. 1, pp. 228-238). <https://doi.org/10.5747/ch.2021.v18.h522>

Oliveira, W. A. D., SILVA, J. L., Fernandez, J. E. R., Santos, M. A. D., Caravita, S. C. S., & Silva, M. A. I. (2019). Family interactions and the involvement of adolescents in *bullying* situations from a bioecological perspective. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e180094. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e180094>

Oliveira, W. A. D., Silva, M. A. I., Silva, J. L. D., & Carlos, D. M. (2021). Implications of school *bullying* victimization in mental health: Qualitative evidence. *Psico USF*, 26(4), 673–684. <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260406>

OLWEUS, D. (1993). *Bullying at School: What We Know and What We Can Do*. Oxford, UK: Blackwell.

Pedrosa, N. C. C. E., Oliveira, C. A. D., Côrtes, M. I. T., Silva, R. A., Bittencourt, M. N., & Silva, J. V. (2021). Social determinants of health that permeate the mental suffering of children on the french-brazilian border. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 75, e20200295. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0295>

Peres, L. S., Peres, K. O., & Peres, K. O. (2020). Violência nas escolas: Análise na formação de professores de educação física no oeste do Paraná. *Caderno de Educação Física e Esporte (Online)*, 18(1), 89–94. <http://dx.doi.org/10.36453/2318-5104.2020.v18.n1.p89>

Perreira, A. C. R. (2022). A mediação de conflitos como alternativa para prevenção e enfrentamento do *bullying* e da violência no contexto escolar. *Revista Espaço Acadêmico*, 22(234), 112-123. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/61060>. Acesso em: 25/09/2025.

Pigozi, P. L., & Machado, A. L. (2020). Os cuidados da Estratégia Saúde da Família a um adolescente vítima de *bullying*: Uma cartografia. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(1), 353–363. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020251.04212018>

Pigozi, P. L., Wendt, G. W., Mendes, R., & Akerman, M. (2023). A roda de conversas à luz da práxis freireana e seus impactos na percepção da diminuição do *bullying* escolar. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 27, e220681. <https://doi.org/10.1590/interface.220681>

Pimentel, F. D. O., Della Méa, C. P., & Dapieve Patias, N. (2020). Vítimas de *bullying*, sintomas depressivos, ansiedade, estresse e ideação suicida em adolescentes. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 230-240. <https://doi.org/10.14718/acp.2020.23.2.9>

Ramos, A. C. R., Rodrigues, I. L., Chagas, M. L. B., Tamburini, A. B. F., Silva, R. B. V., Pereira, M. S. S., Marques, N. C. T., & Andrade, R. S. (2021). Atraso de escolaridade e dificuldade de socialização de pacientes com fissura labiopalatina não síndrome. *Revista Odontológica de Araçatuba*, 42(2), 30–34. Disponível em: <https://revaracatuba.odo.br/revista/2021/04/TRABALHO05.pdf>. Acesso em 25/09/2025.

Ramos, A. E., Silva, K. B. B. D., Queiroz, V. A. D. O., Brito, E. D., Costa, C. A. S. D., & Santana, M. L. P. D. (2023). Factors associated with extreme weight loss behaviors among adolescents of Northeastern Brazil: a hierarchical approach. *Ciência & Saúde Coletiva*, 28, 2677-2688. <https://doi.org/10.1590/1413-81232023289.15672022>

Reisen, A., Leite, F. M. C., & Santos Neto, E. T. (2021). Associação entre capital social e *bullying* em adolescentes de 15 a 19 anos: Relações entre o ambiente escolar e social. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(supl.3), 4919–4932. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.21522019>

Rocha, P. G. (2020). Multilinguismo e “*bullying*” linguístico em escolas da fronteira Brasil/Paraguai: Aspectos sociolinguísticos. *Caderno de Letras (Pelotas)*, 36, 311–324. <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i36.17377>

Rocha, S. A., & Raposo, I. P. A. (2023). A relação entre o envolvimento familiar e resultados educacionais e comportamentais de estudantes de escolas públicas do Recife. *Cadernos de Estudos Sociais*, 38(2). [https://doi.org/10.33148/CESV38n2\(2023\)2210](https://doi.org/10.33148/CESV38n2(2023)2210)

Russo, L. X. (2020). Associação entre vitimização por *bullying* e índice de massa corporal em escolares. *Cadernos de Saúde Pública*, 36, e00182819. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00182819>

Salgado, F. S., Oliveira, W. A. D., Silva, J. L. D., Pereira, B. O., Silva, M. A. I., & Lourenço, L. M. (2020). *Bullying* no ambiente escolar: A compreensão dos educadores. *Journal of Human Growth and Development*, 30(1), 58–64. <http://doi.org/10.7322/jhgd.v30.9969>

Santos, A. V., Dionísio, W. Á. S., Cintra, J. D. S., Silva, G. A., Nascimento, V. S., Pinto, T. C. C., & Ximenes, R. C. C. (2023). Transtornos alimentares e insatisfação corporal nas práticas relacionadas ao *bullying* em adolescentes. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, 27(3), 1477–1496. <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v27i3.2023-026>

Santos, I. F., & Silva, M. A. C. (2021). O corpo no ensino médio: Uma análise da percepção corporal dos estudantes do Rio de Janeiro. *Journal of Physical Education*, 32, e3205. <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v32i1.3205>

Santos, I. H. F., Felizmino, T. D. O., Santos, K. D. A., & Silva, J. P. D. (2022). *Bullying* escolar: Com a palavra, o professor. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 74. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.arbp-2022v74.19467>

Santos, S. S., & Fernandes, R. M. (2022). *Bullying* e a banalização do mal: uma análise de discursos de adolescentes. *Millenium*, 2(19), 25-32. <https://doi.org/10.29352/mill0219.27821>

Silva, C. B. P., Oliveira, W. A., Silva, J. L., & Silva, M. A. I. (2020). *Bullying* homofóbico e desengajamento moral: Quando a justificativa moral e a culpabilização dizem “presente”. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 15(4), 2066–2077. <https://doi.org/10.21723/riace.v15i4.13898>

Silva, C. S. (2024). *O bullying nas escolas brasileiras: as formas de mensuração e seus desdobramentos para a compreensão do fenômeno*. Tese (Doutorado em Sociologia). Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Silva, C. S. E., Vilela, E. M., & Oliveira, V. C. D. (2024). *Bullying* nas escolas públicas e privadas: os efeitos de gênero, raça e nível socioeconômico. *Educação e Pesquisa*, 50, e264614. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202450264614por>

Silva, G. R. R. E., Lima, M. L. C. D., Acioli, R. M. L., & Barreira, A. K. (2020a). Prevalência e fatores associados ao *bullying*: diferenças entre os papéis de agressores e vítimas. *Jornal de Pediatria*, 96(6), 693–701. <https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2019.09.005>

Silva, G. R. R. E., Lima, M. L. C. D., Acioli, R. M. L., & Barreira, A. K. (2021). A influência da violência familiar e entre pares na prática do *bullying* por adolescentes escolares. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(supl.3), 4933–4943. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.20632019>

Silva, S. T., & Leite, I. N. (2023). *Bullying* no contexto educacional da Paraíba. *Revista de Educação Popular*, 22(2), 106–127. <https://doi.org/10.14393/REP-2023-68798>

Souza, S. B., Costa-Fernandez, E. M., Paranhos da Costa, E. S., Berkenbrock-Rosito, M., & Lima, M. D. C. (2022). Significados, experiências e repercussões do *cyberbullying*: O que dizem os adolescentes do Brasil e Angola. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 40(3), 1–20. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.11433>

Souza, V. C. D. S., & Gonçalves, J. P. (2022). Gordofobia, *bullying* e violência na escola: Um estudo em representações sociais com pré-adolescentes. *EccoS Revista Científica*, 60, 1–19. <https://doi.org/10.5585/eccos.n60.18893>

Tognetta, L. R. P., & Vinha, T. P. (2008). Estamos em conflito, eu comigo e com você! Uma reflexão sobre o *bullying* e suas causas afetivas. *Escola, conflitos e violência*. Santa Maria: Editora da UFSM, 449-464. Disponível em: <https://www.conviveremais.com.br/wp-content/uploads/2022/06/CFlix-T2-episo%CC%81dio-2-Bullying-Estamos-em-conflito-1.pdf>. Acesso em 25/09/2025.

Tognetta, L. R. P., Oliveira, V. H. H., & Bomfim, S. A. B. (2021). Adesão a valores morais entre envolvidos em situações de *bullying*. *Revista Tópicos Educacionais*, 27(1), 98–119. <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2021.250284>

Vasconcelos, F. M. D. S., & Ferreira, H. M. (2021). *Bullying* entre meninas e o desafio da construção de resiliência na escola. *Revista Tópicos Educacionais*, 27(1), 34–61. <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2021.250294>

Vaz, A. D., Melo, L. J. dos R. C. de, & De Almeida, M. G. (2020). Diferenças etnoculturais na escola: Experiências de alunos Xakriabá em um espaço escolar não indígena. *Revista Cerrados (Montes Claros)*, 18(2), 344–370. <https://doi.org/10.46551/rc24482692202021>

Vazquez, D. A., Caetano, S. C., Schlegel, R., Lourenço, E., Nemi, A., Slemian, A., & Sanchez, Z. M. (2022). Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19. *Saúde em Debate*, 46(133), 304-317. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202213304>

Veloso, V. R., Costa, F. B. S., Marques, C. C. de A., Andrade, J. X., Miranda, C. E. S., & Araújo, R. S. R. M. (2020). Vitimização por *bullying* e fatores associados em estudantes brasileiros com idade de 13 a 17 anos: Estudo populacional. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, e200097. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200097>

Vinha, T.; Garcia, C.; Nunes, C. A. A.; Zambianco, D. D. P.; Melo, S. G.; Lahr, T. B. S.; Pimentel, E. M. P.; Parente, R.; Fogarin, B.; Oliveira, V. H. H. (2023). *Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: causas e caminhos*. São Paulo: D3e. Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/relatorio_2311_ataques-escolas-brasil.pdf. Acesso em 25/09/2025.

Zamprogno, M. P., Mandrá, P. P., Gonçalves, T. C., & Jorge, T. M. (2020). Experiences of violence at school from the stuttering patients' perspective. *Revista CEFAC*, 22(6), e6020. <https://doi.org/10.1590/1982-0216/20202266020>

Zequinão, M. A., Oliveira, W. A., Cidade, P., Pereira, B., & Cardoso, F. L. (2020). Physical punishment at home and grade retention related to *bullying*. *Journal of Human Growth and Development*, 30(3), 434–442. <https://doi.org/10.7322/jhgd.v30.11111>

Zequinão, M. A., Medeiros, P. D., Silva, J. L. D., Pereira, B. O., *et al.* (2020a). Sociometric status of participants involved in school *bullying*. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 30, e3011. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3011>

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Autora 1 – Idealização do estudo, escrita, coleta e análise dos dados, revisão e edição do manuscrito.

Autora 2 – Escrita, coleta e análise dos dados, revisão e edição do manuscrito.

Autora 3 – Orientação do estudo, escrita, revisão e edição do manuscrito.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

As autoras declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.